

**A CASA COMO UM MICROCOSMO:  
IMPÁCTOS SOCIAIS NA COMUNIDADE GIGANTE/ BOTUMIRIM-MG**

**Leila Ribeiro Rodrigues<sup>1</sup>, Ana Paula Glinfskoi Thé<sup>2</sup>**

**RESUMO**

Este artigo tem como base uma pesquisa etnográfica e busca apreender o modo de apropriação dos espaços da casa ao longo dos processos sociais vividos por uma Comunidade Tradicional *veredeira*, em consonância com os impactos sociais recorrentes a implantação da Barragem de Irapé e às restrições do uso dos recursos naturais do território tradicional. A comunidade pesquisada, Gigante, localiza-se no município de Botumirim - MG, e embora não tenha sido inundada pelas águas represadas da barragem de Irapé, sofreu impacto social relevante a partir do reassentamento de duas das principais comunidades com as quais estabelecia relações de casamento. A moradia representa para essas comunidades um elemento peculiar que as diferencia das outras, ao mesmo tempo em que são desenvolvidas várias estratégias para conciliarem elementos tradicionais às exigências do modo de produção urbano, que atualmente constitui-se como o discurso hegemônico. Os vários saberes adquiridos ao longo de várias gerações contribuíram para que a moradia retratasse nas técnicas utilizadas em sua construção, elementos de tempos distintos representadas pelas adequações sofridas em função de novas concepções de apropriação do espaço. Essas transformações resultam em dinâmicas históricas que alteram a percepção do espaço em sua forma prática e simbólica. Essa mudança de percepção das pessoas em relação aos espaços da moradia é que estrutura esse trabalho, bem como condiciona as análises dos processos sociais vividos.

**PALAVRAS - CHAVE:** Casa- Processos Sociais - Impactos Sociais

**ABSTRACT**

This article is based on ethnographic research for describing the changing in the model of housing experienced by a Traditional Community (Gigante Community) affected by social impacts after the construction of Dam Irapé, which process imposed restrictions in the use of natural resources and in their livelihoods. The community studied - Giant - is located in the municipality of Botumirim - MG. The housing for these communities represents a peculiar element that differentiates them from others. They have developed different strategies to combine traditional elements to the demands of the urban mode of production, which currently constitutes itself as the hegemonic discourse imposed for rural communities in the North of Minas Gerais State.

**KEYWORDS:** Housing - Social Processes - Social Impacts

**INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Mestranda em Desenvolvimento Social no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS da Universidade Estadual de Montes Claros-UNIMONTES. E-mail: [leilar2@yahoo.com.br](mailto:leilar2@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Pós Graduação em Ecologia e Recursos Naturais – UFSCar; Professora Pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da UNIMONTES; Coordenadora do Laboratório de Educação Ambiental e Ecologia Humana – LEAEH – Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: [anathecomanej@yahoo.com.br](mailto:anathecomanej@yahoo.com.br)

Neste artigo pretendo identificar a influência dos processos sociais em uma Comunidade Tradicional *veredeira* a partir das mudanças nos espaços das casas. O meu objeto de estudo é a casa *veredeira*, onde procuro apreender as dinâmicas enunciadas pelos padrões arquitetônicos e as tradicionalidades também expressas no modo de construção da moradia.

A moradia replica em seus espaços, uma realidade social através de elementos práticos e simbólicos: o homem ao construir um abrigo para lhe proteger das intempéries do tempo, retrata um tempo, um espaço, bem como, as relações sociais estabelecidas por meio dos elementos objetivos e subjetivos nele agregados. Nesse sentido, vejo que as diversas formas com que as edificações são construídas refletem as dinâmicas sociais vividas e a inter-relação dessas gentes com o mundo que as envolve, principalmente, as mudanças nas concepções de mundo e nos estilos de vida, ou seja, em seu *eidós* e em seu *ethos*.

Este trabalho constitui-se como resultado de pesquisa etnográfica, vinculado ao Projeto *OPARÁ*<sup>3</sup>: *Tradição, identidades, territorialidades e mudanças entre populações rurais e ribeirinhas no Sertão Roseano*. O trabalho de Campo foi feito na Comunidade Gigante, Município de Botumirim/MG, entre Abril de 2008 e Maio de 2010.

Através de observação direta e de entrevista dialógica, pude construir uma interpretação que me possibilitou fazer comparações entre as técnicas de construção, a divisão do espaço e as novas necessidades incorporadas e retratadas na estrutura física das moradias durante o processo historiográfico do grupo pesquisado. Nesse sentido, procurei inserir o conhecimento antropológico na prática metodológica me servindo principalmente da interpretação, sem comprometer o significado que localmente é compartilhado pelos sujeitos envolvidos nessas relações. O que fiz, foi tentar ver o todo através da casa, utilizando a casa como um *Fato Social Total* conforme proposto por Marcel Mauss (2003). Nesse sentido compreendo que na casa está condensada toda sorte de relações vividas em vários tempos por essas comunidades, e que a mesma possui elementos capazes de caracterizar a vida cultural e social desses grupos. A casa imbrica todos os outros aspectos, aquilo que é imprescindível de ser apreendido e analisado para que se possa compreender a vida cultural e social dessas comunidades, considerando os vários processos sociais e suas tradicionalidades.

---

<sup>3</sup> OPARÁ significa rio-mar, nome dado ao rio São Francisco por seus primeiros habitantes, os indígenas. Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa e pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais.

As mudanças que ocorrem na vida social dos agrupamentos humanos podem ser concretizadas nas estruturas físicas de suas casas, nas divisões dos espaços, nas técnicas e nos materiais utilizados que penetram a vida social com outros padrões culturais. Pela arquitetura, facilmente se percebe as mudanças físicas em tempos e espaços diversos, embora essa diferença seja constituída não apenas em função de tais elementos. As mudanças decorrem de construções mentais a partir das quais as pessoas se identificam em seus vários aspectos, não apenas práticos, mas também simbólicos. A arquitetura é, então, influenciada a partir da constituição destas construções mentais hibridizadas na articulação das internalidades com as externalidades. Sendo assim o espaço é transformado numa perspectiva própria, capaz de caracterizar uma comunidade através de concepções distintas ao longo dos tempos.

Na pesquisa monográfica de Rodrigues (2008), a autora observa as mudanças na percepção dos espaços da casa ao longo do processo histórico na comunidade negra de Agreste:

A casa simbolicamente era dividida em duas partes - aquela de domínio do homem e aquela de domínio da mulher. O domínio da mulher era basicamente a cozinha e o quintal. Nessa parte a mulher ficava quase todo o tempo que estava em casa. Nesse espaço ela recebia as visitas femininas, preparava alimentos, cuidavam dos animais domésticos, plantas, animais de pequeno porte, cuidava da higiene das crianças entre outras atividades. As filhas ficavam junto com a mãe aprendendo as obrigações de mulher. (...) Hoje já não há uma divisão tão exata como no passado. A sala passou de um espaço de domínio masculino para um espaço coletivo, no qual tanto a mulher como as crianças têm livre acesso. Porém a cozinha ainda é um espaço de domínio feminino, ele ainda é freqüentado basicamente pelas mulheres que nesse espaço ficam de conversa, ou então nos fundos da casa que também é espaço essencialmente feminino (RODRIGUES, 2008, p. 51 e 93).

Ao analisar os processos de expropriação dos espaços femininos em uma comunidade de pescadores, Ellen F. Woortmann (1991) também observou que a casa era o centro das atividades familiares e que, enquanto edificação, se transformou em função desses processos. Nessa perspectiva ela relata:

Pode se observar ainda hoje dois tipos básicos de construção, correspondente a momentos históricos distintos. A casa tradicional, ainda encontrada nos lugares menos afetados pelas mudanças, era construída com estrutura de madeira, extraídas das matas e mangues, paredes de adobe e cobertura com palhas de coqueiro. A construção era realizada em regime de mutirão, pelo conjunto da comunidade. Ela alicerçava se, pois, nos insumos disponíveis no próprio ambiente natural circunvizinho e na troca de trabalho entre pessoas da comunidade, isto é, no ambiente não envolvendo gastos monetários ou reduzindo-os a um mínimo. (...) A casa atual, pelo contrário, é construída com materiais comprados e através da mão de obra assalariada

(complementada pela força de trabalho familiar). Os materiais básicos para a construção tradicional não mais existem à disposição da comunidade, desde que as **soltas**, os mangues e os coqueirais foram privatizados; o princípio do mutirão esta desaparecendo dos valores-orientação das pessoas, desde que o “nexo monetário” se tornou dominante. (...) A casa se transformou ainda em outros aspectos. Com o desaparecimento da lenha, o combustível agora é o gás; a luz agora é elétrica (...). A casa também mudou de lugar. O lugar tradicional agora é ocupado por veranistas, para os quais foram vendidas muitas casas (WOORTMANN, 1991, p. 16, grifos da autora).

No estudo sobre a casa entre os Kabila, Pierre Bourdieu (1980) evidencia a existência de uma relação simétrica e oposta entre a divisão dos espaços internos da casa. Para este autor, os ambientes, da mesma forma que as divisões da moradia, se configuravam conforme oposições temporais ou mesmo no âmbito do gênero a partir de uma série de aspectos práticos e simbólicos. Os espaços internos da casa possuem finalidades específicas conformadas por regras pré-estabelecidas amparadas sempre por pontos antagônicos que para o autor são universais. Neste sentido é afirmado que

a casa se organiza de acordo com um conjunto de oposições homólogas<sup>4</sup> - seca : úmido :: elevado : parte inferior :: iluminado : sombra :: dia : noite :: masculino : feminino :: *nif* : *h'urma*<sup>5</sup> :: fecundável : fertilizável. Mas com efeito, as mesmas oposições se estabelecem entre a casa, como um todo, e o resto do universo (BOURDIEU, 1980, p. 448).

O espaço do interior da casa Kabila é o espaço eminentemente feminino enquanto o espaço externo é intrinsecamente vinculado ao homem. Sendo assim o espaço interno se configura como universo da mulher, homólogo à umidade e à privacidade, enquanto o espaço externo como universo do homem, homólogo ao fogo e ao sol. Mesmo como mundos opostos, o homem e a mulher, apenas juntos realizem a fecundidade que os perpetua socialmente, assim como a terra úmida é fertilizada pelo sol. Para o estudioso do mundo Kabila, todos os elementos antagônicos atingem sua síntese no interior dos pares de oposição que os vinculam entre si.

Transpondo a questão do simbolismo para a casa, é possível afirmar baseado em Bourdieu (1980) à existência de uma replicação dos padrões culturais na estrutura física de uma casa onde quer que ela se encontre situada, seja entre grupos indígenas, entre grupos

<sup>4</sup> Aqui o autor expressa uma equação estrutural que deve ser lida como em matemática, ou seja, seca está para úmido, assim como elevado está para a parte inferior, assim como iluminado está para sombra e assim por diante.

<sup>5</sup> Estas duas palavras são categorias nativas em idioma Kabila. A primeira se refere à honra masculina e a segunda à honra feminina

tradicionais ou na sociedade moderna. Uma residência tem pré-figurada nos signos que nomeiam cada espaço interno ou externo a visão de mundo de qualquer sociedade humana.

A sociedade brasileira durante o processo constituinte considerou que existem no interior do país diversos grupos culturalmente diferenciados que contribuíram para a constituição da nacionalidade. Decorre daí a insurgência do direito coletivo culturalmente diferenciado das Populações que passaram a ser consideradas como Tradicionais pela Constituição de 1988. Esses direitos emanados do texto constitucional necessitavam de regulamentação em sintonia com a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, da qual o Brasil é signatário. Em julho de 2000, por meio da Lei 9.985 que cria o sistema nacional de unidades de conservação são reconhecidos os direitos das sociedades tradicionais em suas interfaces com as unidades de conservação. Elas são consideradas por sua forma positiva de apropriação do espaço orientada segundo princípios próprios, construídos em interação com o ambiente e sem perspectivas comerciais. A relação homem/natureza, conforme Barreto Filho (2001) vivida pelas populações que passaram a ser legalmente consideradas como tradicionais contribui para a manutenção do ecossistema. Para este autor, a tradicionalidade dessas populações se vincula a:

- (a) por sua relação particular com a natureza, traduzida num corpo de saberes técnico e conhecimentos sobre os ciclos naturais e os ecossistemas locais de que se apropriam; (b) pelo fato desses ecossistemas representarem, em muitos casos as derradeiras amostras e remanescentes globais de ecossistemas críticos e frágeis; e (c) por situarem-se relativamente á margem da economia de mercado formador de preços, organizados em sistema de produção baseado na organização familiar e orientados para a subsistência e num modelo de uso de recursos naturais intensivo em trabalho e, supostamente de baixo impacto (Barreto Filho,2001,p. 18-19)

Os agrupamentos humanos que se fixaram no espaço ecológico das veredas, característico do bioma Cerrado, estão inseridos na região norte mineira situada na área do Alto Médio São Francisco e Alto Médio Jequitinhonha, possuem um modo de vida específico que são considerados por si mesmos e pelos grupos ecologicamente diferenciados das circunvizinhanças de suas localidades como *gentes das veredas ou veredeiros*. No estudo coordenador por Donald Pierson (1972) sobre o homem no vale sanfranciscano, esses agrupamentos são identificados como *veredeiros*, termo relacionado ao caráter eco-geográfico da região em que habitam.

A incorporação de aspectos da nova tecnologia em elementos simbólicos de um grupo social perpassa sobre tais circunstâncias. Para o antropólogo do simbolismo ritual, “*símbolo* é uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através de posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos” (TURNER, 2005, p.49, grifos no original). Sendo assim Incorporar aspectos das novas técnicas de construção de moradias conciliadas ao saber tradicional, que é autônomo, não constitui perda de tradicionalidade, são, pois, estratégias para que as mesmas não sejam totalmente suprimidas pela lógica do modo de produção hegemônico. As mudanças nos processos sociais são consideradas nas Ciências Sociais vinculadas à teoria da prática como estratégicas para incorporação do novo sem perda do caráter singular de cada uma das etnicidades consideradas tradicionais existentes no mundo hodierno.

Este texto está organizado em três sessões, na primeira apresento o contexto histórico, político e social que a comunidade Gigante está inserida. Em seguida, através de uma descrição etnográfica, relaciono os processos sociais com a percepção dos espaços da casa *veredeira* nos tempos e espaços que constituem os *mundus* social dessa comunidade enfatizando principalmente os impactos sociais recorrentes à instalação da barragem de Irapé. E por fim interpreto esses diversos processos a partir das mudanças ocorridas no âmbito social, em suas manifestações práticas e simbólicas, tendo os espaços casa como elemento que materializa tais mudanças. Em decorrência da compreensão construída posso afirmar que a casa constitui-se como o microcosmo da vida *veredeira*, pois a totalidade da vida social dessas gentes encontra-se nela condensada.

## **ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO E DA COMUNIDADE PESQUISADA**

A vinculação da região do Vale do Jequitinhonha ao Distrito Diamantino é um dos fatos que contrapõe a representação recorrente de que a mesma pertence ao berço da pobreza e estagnação econômica. Essa região desenvolveu a nível local uma autonomia no que se refere à produção agrícola para autocosumo a partir de suas características ambientais, através de estratégias e técnicas de produção que garantem a reprodução material e simbólica de muitas comunidades.

A comunidade Gigante localiza-se no município de Botumirim /MG, à cerca de doze quilômetros da margem esquerda do rio Jequitinhonha, altura em que as águas já estão represadas pela barragem de Irapé, em atividade desde 2006. O povoamento dessa região se

deu em função das investidas dos bandeirantes pelo sertão brasileiro, embora a existência de povos primitivos num passado milenar, seja sinalizada pelas figuras rupestres existentes em várias serras da região. Segundo os moradores, esses diversos abrigos naturais que existem na região, favorecidos pela imensa quantidade de serras, eram moradias dos bugres (indígenas) que se apropriavam desses locais para dormir e preparar seus alimentos.

Uma condição de parcial isolamento predominou nessa região até a intensificação da extração de cristal de agulhas, já nas últimas décadas do Séc. XX, em Pedregulho, Zona Rural de Bocaiúva, que limita com a comunidade Gigante. Recentemente o processo de instalação da Usina Hidrelétrica de Irapé, culminou na remoção de várias comunidades ribeirinhas, dentre elas, as comunidades Canabrava e Peixe Cru as quais estabeleciam relações diversas com a comunidade do Gigante.

Com o advento das ações conservacionistas, muitas atividades de coleta, caça criação de gados e porcos nas diversas *vargens*<sup>6</sup> que compõem a região foram impossibilitadas, principalmente nos últimos anos do Séc. XX e início do Séc. XXI. Dessa forma, a relação com esses espaços foi alterada em diversos aspectos, o que refletiu em todas as esferas da vida social.

Atualmente a intervenção estatal nas práticas locais de apropriação das águas, conduzidas pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas – IGAM, tem sido o principal fator de conflito entre moradores locais, órgãos governamentais e instituições de classe, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Isso devido à lógica de apropriação dos recursos hídricos imposta pelo IGAM que condena algumas práticas locais de utilização das águas, tais como o uso de mangueiras sem torneira e medidor. Outra ação do IGAM é referente ao cadastro das águas e o cercamento das nascentes de cada propriedade.

A relação com a água abundante, que brota de todos os lados através da infinidade de nascentes, contribuiu para que práticas ancestrais orientadas por mitos sinalizassem a formação identitária dessa comunidade. Com a difusão dos programas de preservação ambiental, essas comunidades tradicionais que se encontram inseridas em Áreas de Preservação Permanente-APP e, no caso específico da comunidade Gigante, pela abundância de nascentes de água que compõem a região, tornam-se alvos de políticas públicas genéricas que não levam em conta o conhecimento local, suas tradições e seus mitos, tentando substituí-

---

<sup>6</sup> Vargem é o termo local utilizado para as áreas conhecidas no meio acadêmico como veredas. Sendo assim, no resto do texto utilizarei o termo local.

los por novas práticas as quais são aderidas por essas comunidades de forma superficial como estratégia para manter seus valores morais.

É considerando o contexto descrito anteriormente que apresentarei a comunidade Gigante e posteriormente relacionarei em três principais contextos temporais os elementos que orientaram as práticas de apropriação dos espaços da casa. Abrirei um parêntese para destacar a representação social do fogão para a mulher e nas considerações finais, retomarei a discussão sobre a relação dos processos sociais com a percepção dos espaços da casa *veredeira* nos diversos tempos que constituem o *mundus*<sup>7</sup> dessa comunidade.

## COMUNIDADE GIGANTE: DA INVISIBILIDADE AO ISOLAMENTO

*Terra de caboclo sério  
De mulher trabalhadeira  
Que roça, garimpa e cria  
Tem serviço á vida inteira*<sup>8</sup>

Essa estrofe de um poema regional caracteriza bem a representação que os “de fora” fazem em relação aos homens e mulheres da comunidade Gigante. Homens reservados, conservadores e mulheres que *acompanham o eito* junto com seus maridos no trabalho diário, seja no roçado, no curral, no forno de carvão, ou mesmo colhendo flores nas vargens.

A comunidade Gigante se formou às margens do Ribeirão do Gigante, que nasce na Vargem da Estiva e deságua na margem esquerda do rio Jequitinhonha. A mesma é composta por quinze grupos domésticos organizados em pequenos sítios, semelhantes ao Bairro Rural, conforme proposição Antônio Cândido (1989). O povoamento da região se deu em função do garimpo, principalmente pelos indícios de existência de diamantes e ouro durante o séc.XVIII. A proximidade com o município de Itacambira justifica a versão de alguns moradores de que o povoamento se deu em função do trânsito de bandeirantes durante o período de busca por metais preciosos no interior do Brasil. Como os minerais não foram encontrados em quantidade expressiva, algumas pessoas foram se fixando em locais as

---

<sup>7</sup> Woortmann (1995)

<sup>8</sup> ROCHA, Benjamin. História do Povo da Beira dos Rios. CAMPO. 1992

Durante o restante do texto aparecerão outras estrofes dessa mesma referência: Poemas produzidos a partir da história das comunidades do vale do Jequitinhonha que foram afetadas pela instalação da barragem de Irapé.

Esses poemas expressam toda historicidade, culturalidade, angústias e a luta dessas comunidades tendo como referência a cosmografia criada através da ancestralidade desses territórios.

margens dos pequenos córregos, onde a água era farta, o solo era fértil, o clima ameno e sem grandes elevações de temperatura durante o verão. Nessa perspectiva Little (2002), relaciona a multiplicidade de territórios na sociedade brasileira, que muitas vezes são resultados da decadência de práticas coloniais, nesse caso a mineração, que contribuíram para a formação de povoados no interior do Brasil. As populações que ali se fixavam, desenvolveram uma relação particular com seu respectivo território, ou seja, uma cosmografia, conforme proposto por Little (2001), que informa as particularidades sociais de um território.

Com relação à denominação *Gigante*, os membros da comunidade se apóiam em duas versões: a primeira é referente a um fêmur e uma arcada dentária encontrado na região, cuja grande espessura foi relacionada ao tamanho de um Gigante; a outra é baseada na topografia da Serra do Gigante que, quando observada de um determinado ângulo, remete ao perfil de uma pessoa em posição póstuma (figura 1). Essas duas versões foram relatadas nos estudos do historiador Ricardo Ribeiro (2006), cujos dados de pesquisa foram coletados em 1999, e reafirmadas neste estudo em 2010.

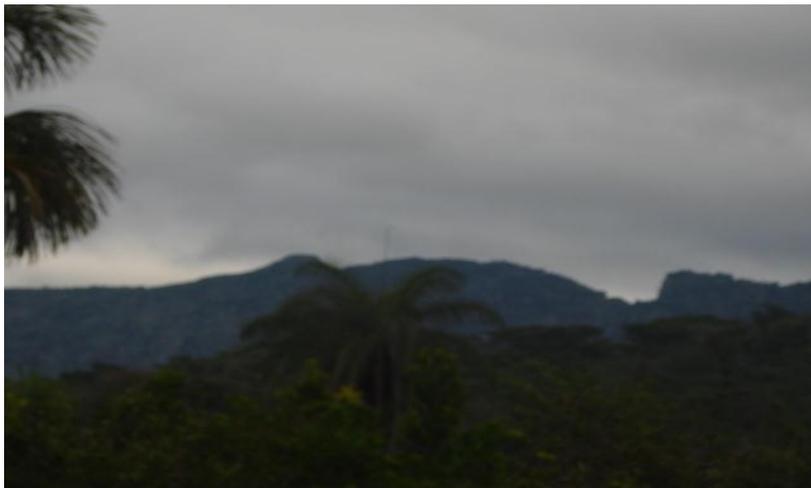


FIG. 1: Imagem da Serra do Gigante vista do Córrego do Gordura.  
Fonte: RODRIGUES, Leila Ribeiro, campo 2010.

As pessoas da comunidade *Gigante* freqüentavam as festas de santo na comunidade *Peixe Cru*. Nessas ocasiões, aconteciam os casamentos e os batizados além do estabelecimento de relações que envolviam toda esfera da vida social dos mesmos. Na época das festas as famílias se deslocavam para a comunidade *Peixe Cru* e permaneciam lá por vários dias para durante as festividades religiosas.

As famílias do *Gigante* tinham três opções de lugares para estabelecer relações diversas, não apenas de casamento: *Canabrava*, *Peixe Cru* e *Fonseca/Pé da Serra*. Dentre

essas, as comunidades *Peixe Cru* e *Canabrava* foram removidas em virtude do represamento provocado pela Barragem de Irapé. Um morador relembra esta época:

Agente tinha muito entrosamento com esse povo. Fazia negócio com eles. Nessa época a coberta era feita de algodão, as tecedeiras eram de lá, minha mãe fiava direto e reto e teciam as cobertas era lá do outro lado do Rio Jequitinhonha. Minha mãe fiava a linha e levava pra tecer lá (morador do Gigante).

As mulheres que foram *buscadas em Canabrava*<sup>9</sup> e que atualmente são casadas com homens do *Gigante* vivem angustiadas pela saudade de seus familiares. Várias estratégias são utilizadas para visitar os parentes em outros municípios: longas viagens de motocicleta, fretamento de carros e outros.

A movimentação de pessoas na região em virtude de estudos socioambientais na época anterior a implantação da hidrelétrica despertou nessa comunidade certa euforia com relação as promessas de melhoras na condição de vida dessa comunidade, principalmente quando a mesma foi cogitada para ser uma reserva ambiental que compensaria o impacto ambiental causado pelas obras da Hidrelétrica. Alguns moradores ficaram animados com as possibilidades de indenizações prometidas, outros, orientados pelo Centro de Assessoria dos Movimentos Populares do Vale do Jequitinhonha - CAMPO, se posicionaram e aderiram ao movimento contra a implantação da reserva. No entanto segundo os depoimentos, mesmo não tendo sido criada uma reserva englobando o território da comunidade de Gigante, a população sente-se vivendo como se estivesse em uma, já que os órgãos do governo como o IEF, o IGAM, o IBAMA passaram a controlar a utilização dos recursos naturais não aprovando muitas das práticas ancestrais que possibilitam a reprodução material e simbólica dessa comunidade.

Depois da usina implantada, “*lá se foram os técnicos*” e restando um sentimento de isolamento, visto que, a passagem pelo rio não era mais possível devido ao alargamento (pelo represamento) do mesmo. Duas das três comunidades citadas foram removidas e reassentadas, uma no município de Turmalina a outra no município de Diamantina; a única estrada que existia, tinha o *Gigante* como última comunidade da trajetória, de modo que dificilmente haveria viajantes passando por lá como anteriormente. A sensação de isolamento contribuiu para que muitos conflitos se dessem no âmbito familiar e comunitário. Alguns jovens ficaram

---

<sup>9</sup> Essa expressão é utilizada localmente para se referir às noivas que eram preferencialmente da comunidade de Canabrava.

sem perspectivas de casamento, tendo como única alternativa deixar suas famílias e buscar relacionamentos em outros locais, relação totalmente desaprovada.

Na minha primeira visita á comunidade, o assunto principal era relacionado a uma *pesquisa*<sup>10</sup> que alguns técnicos faziam na região. Volta e meia uma caminhonete paravam nos colchets e cancelas da comunidade. Nessas ocasiões, as crianças corriam para a cancela e voltavam com as mãos cheias de balas. O que as pessoas da comunidade sabiam sobre essa pesquisa foi passada para eles de forma superficial pelos técnicos responsáveis. No entanto o tipo de informação buscada garantiu que a comunidade percebe-se o teor da pesquisa e de novas disputas que se aproximavam da região:

Eles falam só que estão procurando uma pedra. Eu não sei não mas eu acho que é minério de ferro, igual ao dessa pedra que eu achei no rio lá embaixo. Olha pra você ver, ela solta um pozinho de ferro. Bem que eu sei onde têm elas, mas ninguém me perguntou ( morador da comunidade Gigante).

A região do Vale do Jequitinhonha, conforme discutido por Herédia (1979), vem sendo alvo ainda na contemporaneidade da ação de grandes proprietários ou mesmo de indivíduos poderosos que dispõem de cacife político para conduzir negociações duvidosas com posseiros e sitiantes que se vêm seduzidos pela oferta em dinheiro sem saber das verdadeiras intenções desses compradores.

Ao que tudo indica, é uma situação que pode estar acontecendo com a comunidade *Gigante*, visto que quando voltei à campo, cerca de cinco meses depois, um dos moradores havia entrado em acordo com os irmãos e vendido a então Fazenda do Gigante, que era herança de seus pais, para um senhor que se dizia empresário no ramo de Eucalipto no estado de Goiás e que pretendia expandir os negócios nessa região.

Quase dois anos depois, a intenção de plantar eucalipto já foi substituída por várias outras e a desconfiança de alguns moradores com relação às reais intenções dos novos proprietários é conciliada com favores prestados pelos novos vizinhos. A partir de 2010, o Estado de Minas Gerais e o Governo Federal passaram a intermediar os processos para licenciamento da extração de minério de ferro e construção do mineroduto na cidade de Grão Mogol, para a exploração do então conhecido “Bloco 8” prevista para a partir de 2014 (AGECO, 2012).

---

<sup>10</sup> Quando se fala em pesquisa a nível local, há uma relação com a mineração, já que as diversas atividades de mineração desenvolvidas são precedidas por uma pesquisa.

## O TEMPO E OS ESPAÇOS DA CASA

*Eu moro debaixo do meu chapéu!*

Esta frase de um morador da comunidade Veredas as margens do Rio Jequitinhonha e hospede rotineiro dos moradores da Comunidade *Gigante*, caracteriza um estilo de vida onde habitar é um elemento relativo que implica uma série de pressupostos além da estrutura física entendida como moradia. Dessa forma, construir um espaço para viver, ou mesmo viver em busca de novos espaços constitui ações complexas e inerentes a todos os seres humanos. No caso do Norte de Minas, Costa (2006) afirma que vários grupos de pessoas ocuparam áreas economicamente marginais e construíram para si mesmas um isolamento em grau variável e desenvolveram no espaço onde habitam suas especificidades culturais, sociais, políticas e econômicas, transformando as terras habitadas em um território coletivo.

A fala anterior também pode remeter a uma situação atual de pessoas sem referências, considerando que esse morador, teve todos os seus vizinhos removidos devido às obras da usina Hidrelétrica de Irapé. Algo semelhante ao que aconteceu com a comunidade *Gigante*, que teve suas relações de casamento interrompidas, causando ansiedade entre os jovens e uma sensação de isolamento para toda comunidade. Sendo assim, muito se fala em impactos sociais oriundos da construção de hidrelétricas, porém algumas desses discursos partem de análises simplificadas que não consideram o entorno e as relações complexas a que várias comunidades estão envolvidas compartilhando uma interdependência intrínseca, que possibilita a reprodução social numa ordem não só material, mas também simbólica das mesmas.

O espaço da casa veredeira na comunidade de *Gigante* passou por três principais alterações ao longo dos tempos, que tiveram como principais marcos a época da divisão, a construção da hidrelétrica de Irapé e recente mente a chegada da energia elétrica. Cada um desses processos corresponde a momentos distintos que influenciaram diretamente no modo de vida dessas pessoas. Nesse sentido, interpretarei a casa no período anterior à divisão, pós divisão e pós implantação da barragem de Irapé respectivamente.

### **A casa veredeira, uma interação intensiva com o ambiente**

Quando essa comunidade foi formada, ao longo do ciclo do ouro, por bandeirantes, escravos e indígenas, esses últimos já habitavam a região, o espaço arquitetônico era de modo um espaço inferior. O espaço externo da casa era que conferia *status* à família: ter uma boa quantidade de criação e um quintal com culturas básicas que garantissem a alimentação bem cuidados era sinônimo de bem estar para o patriarca que se sentia realizado em manter sua família. Ainda, o próprio modelo de povoamento não previa permanências nesses locais, de forma que as moradias eram feitas em pequenos espaços de tempo, algo semelhante aos ranchos construídos atualmente nos espaços de roçado ou devido algum trabalho que requer deslocamento durante certo período.

Os diversos ambientes que entremeiam as diversas serras contribuíram para a reprodução da biodiversidade que favoreceu a reprodução material e assim a conservação socioambiental da paisagem veredeira. Em *Gigante*, o rio era referência para a construção da casa. Os materiais para a construção eram facilmente encontrados nas imediações, os quais consistiam em madeira para fazer a estrutura, folhas de coqueiros “buriti” ou “catulé” e “capim-açu” ou sapé para cobrir, barro argiloso para preencher os espaços entre as madeiras das paredes. Técnica mais conhecida como *pau-a-pique* ou *enchimento*.

A casa constituía como um dormitório coletivo. O alimento era preparado em um rancho na parte exterior ou mesmo em fornalhas improvisadas no próprio local onde estivessem desenvolvendo alguma atividade: roçados, coleta ou caça.

Eu ficava era pras roça, todo canto pegando flor. Eu criei meus filhos todos debaixo da moita. Panhando flor, Panhando pataca, panhando engata, panhando tudo enquanto é trem, pra vender, mode dinheiro. Eu ia para roça, mais ele (esposo) todo dia, chegava de tarde ajudava a mexer na cozinha, no outro dia cedo ia pra roça, voltava ajudava a fazer almoço, nós almoçava coava café, voltava com os meninos pra roça, debaixo das moitas lá. Eu criei nove filhos debaixo das moitas. Vinha em casa era mais pra dormir (Moradora da comunidade *Gigante*).

Foi desenvolvida na comunidade *Gigante*, uma produção agrícola mista, de modo a suprir suas necessidades alimentares. Algumas pessoas se dedicavam a outros ofícios artesanais para produção de utensílios como: panelas de barro, esteiras, cordas, bruacas, peneiras, etc. Os produtos resultantes do trabalho eram utilizados para a troca: quem morava em um lugar com boas argilas propícias a produção de panelas trocavam panelas por café com

alguém que plantasse café. E assim a reprodução social era viabilizada, as relações eram estabelecidas pela reciprocidade o que regulava a estrutura social desde os seus primórdios.

Os roçados eram preferencialmente plantados em locais mais afastados para não ter problemas com as criações. Mas isso não impedia que um pequeno roçado fosse plantado entre o rio e o quintal próximo a casa por culturas alternadas durante os ciclos do ano: de setembro a abril/ arroz; de maio a agosto/feijão e milho.

Além da coleta de flores “sempre – vivas” para vender, outros tipos de frutas nativas eram coletadas como a mamona (*Ricinus communis*) para a produção de óleo combustível para as lamparinas, o óleo do coco macaúba (*Acrocomia aculeata*) para o cozimento de alimentos e para a produção de sabão, o coco do buriti (*Mauritia flexuosa*) para fazer doce e também para a criação de porcos e aves no quintal. Compravam apenas o sal. Os utensílios utilizados no dia a dia também eram produzidos na própria região. O barro, a seda do olho da palmeira buriti, a fibra de bambu, o couro, o algodão (*Gossypium hirsutum*) e até a casca de alguns tipos de cabaças eram utilizados como matéria prima para produção destes. Algumas pessoas se especializavam na produção de alguns utensílios como: a *paneleira*, que produzia panelas de barro; a *fiandeira* que fiava o algodão e produzia tecido. Ainda havia pessoas que se dedicavam a outros ofícios como o fazedor de arreios e bruacas de couro; o fazedor de peneiras, balaios e cestos de bambu e o confeccionador de esteiras e cordas de seda de buriti. Quando não havia uma dessas especializações no local, eles recorriam às comunidades próximas: as *tecedeiras* de cobertura do *Canabrava*, *paneleiras* do *Pé da Serra*, as fazedeiras de peneira do *Folha Larga*, etc.

Os produtos eram comercializados a partir de um sistema de trocas. Isso possibilitava um nível menor de isolamento e viabilizava as relações de reciprocidade entre os moradores locais com outras comunidades. Os casamentos preferenciais são resultantes dessa relação. Sendo assim, os espaços da moradia nessa época, configuravam uma interação entre vários ambientes, sendo que a estrutura arquitetônica tinha como principal função o abrigo e não conferia *status* à família.

Nessa época, os veredeiros de *Gigante* relacionavam intensamente com a natureza, utilizando os vários ambientes conforme a potencialidade de cada um, desfrutando de forma livre de cada recurso natural e utilizando-os em suas edificações.

**Tempo da divisão: espaço delimitado, maior divisão no espaço da casa**

O ser humano ao construir sua casa já tem um conhecimento do espaço natural e de saberes classificatórios (STRAUSS, 1999) capazes de orientar a criação desses espaços. Nesse sentido, ao construírem suas casas, expressavam toda sorte de conhecimentos acumulados até então e posteriormente agregam outros conhecimentos adquiridos no trato com o ambiente bem como com o contato com outras culturas.

A fixação nesses territórios formalizada pós tempo da divisão (ano de 1937), contribuiu para uma divisão na estrutura física das moradias, que consiste em um pequeno cômodo, a cozinha, outro cômodo médio a sala e dois pequenos quartos. A cozinha passa a fazer parte de uma mesma estrutura integrando um novo espaço agora com paredes e destinado á mulher. Nessa época a cozinha ocupava a parte inferior da casa, cuja porta de duas batentes abria para quintal localizado entre o rio e a casa. A cozinha torna-se, conforme Bourdieu (1980) um lugar eminentemente feminino. A sala, assim como a cozinha configura dois espaços localizados nos dois extremos da casa, um na parte superior e o outro na inferior. O domínio do homem no espaço superior, a sala, prevaleceu até no final do séc. XX. Quando me refiro a sala como espaço superior, considero tanto por sua disposição espacial quanto à sua representação simbólica. Assim como a cozinha, de domínio da mulher era localizada numa posição geograficamente e simbolicamente inferior. Dois pequenos quartos recebiam na maior parte de seu espaço, dormitórios suspensos sobre quatro ganchos conhecidos como forquilha, e eram localizados entre as duas extremidades citadas.

Os patriarcas eram sempre os responsáveis em receber e dar atenção aos forasteiros na sala, de modo que a mulher dificilmente saía da cozinha. Os filhos se escondiam nas matas próximas com vergonha e dificilmente tinham contato com esses. A cozinha era construída sempre a baixo dos demais cômodos, de modo que seu telhado era tão baixo que permitia que vários utensílios de uso no cotidiano fossem depositados ali: fumo, remédios, facas, ferramentas, mandingas, etc.

A técnica para a construção das moradias nessa época também sofreram alterações, as paredes passam a receber barro sobre as madeiras, técnica mais conhecida como *enchimento* ou *pau a pique*. O adobe também passa a ser utilizado nas paredes e pedras na base da casa, configurando como predisposição para moradias mais fixas. O telhado continua sendo de palha ou capim, mas em alguns casos, as telhas de cerâmica já aparecem.

O chão de toda casa era batido com barro e recebia uma mistura de barro preto com estrume de vaca fresco. As paredes recebiam como pintura, outro barro, de cor branca conhecido localmente como *tabatinga*.

Um dos quartos ainda era aquele antigo cômodo que servia de dormitório para toda família e para guardar toda sorte de reservas de mantimentos e objetos utilizados no dia a dia. Nas proximidades da casa, algumas outras construções iam surgindo com o intuito de organizar as criações: poleiros, chiqueiros, paióis, etc. Não existiam cercas, no máximo algumas valas abertas no chão que servia para demarcar uma propriedade ou mesmo para evitar que os animais fossem para muito longe. O espaço arquitetônico, ainda era de modo um espaço inferior. O espaço externo da casa, ainda era que conferia *status* à família. A mulher, além de ajudar nas atividades agrícolas, também era responsável pelas estratégias de conservação e preparação dos alimentos. Nesse sentido existia uma oposição entre *unidade de consumo* (transformação do alimento) e *unidade de produção* ( produção do alimento), Moura (1978), porém ainda não havia uma separação bem definida visto que a unidades de produção ligada ao trabalho no roçado correspondia ao domínio masculino, mas a participação da mulher era efetiva. O trabalho no roçado era desenvolvido pelos homens e por suas esposas, de modo que os filhos mais velhos cuidavam dos menores e faziam as tarefas domésticas. “Eles são tudo cozinheiro, minha filha, tudo cozinha, tinha que fazer comida para eles comer que eu não parava em casa não. Eu ficava na roça, para todo canto pra ai a fora.” (Dona Nega/ Moradora da comunidade *Gigante*).

### **Irapé: fecha a porta da sala e abre a porta da cozinha**

No início do Séc. XXI, o trânsito de pessoas se intensificou na região. Primeiro com o processo de implantação da usina de Irapé e recentemente pelo grande interesse pelos cristais de agulha, sem falar na abundância de água, que tem despertado o interesse econômico de vários segmentos da sociedade.

As moradias apresentam de forma geral alterações em função das pessoas que vem de fora, já que os moradores locais continuam extremamente ligados a valores que contrastam com a vivência extra familiar. Os novos cômodos geralmente são quartos, de quatro a cinco por casa. Essa mudança implica exigências dos *de fora*<sup>11</sup>, vinculados aos valores individualistas que exige mesmo que indiretamente, um espaço específico, separado dos demais. O que comprova isso, é que no âmbito da família nuclear, mesmo que se tenham

---

<sup>11</sup> Termo relacionado a pessoas que fazem parte da comunidade.

muitos quartos, todos os filhos dormem no mesmo quarto, somente o casal é separado num quarto específico.

O *grupiário*<sup>12</sup>, modelo de telhado com quatro caídas de água consolidado na geração anterior, foi substituído pelo modelo *capa de cangalha*, disposição do telhado em duas águas semelhante a uma cangalha<sup>13</sup>.

Nos últimos tempos, a principal modificação foi na cozinha, seu espaço é quatro ou até cinco vezes maiores do que as primeiras e não ocupam mais a parte inferior da casa. A cozinha atualmente é construída paralela aos demais cômodos. Toda sorte de trânsito se dá na cozinha: preparar alimentos, receber pessoas, debulhar feijão, fazer artesanatos, jogar, estudar e assim por diante. A mudança de concepção perante os espaços da casa, passa a conceber o lugar da sala como sendo o lugar ideal para cozinha. A mulher, assim como a cozinha, conquista uma posição mais significativa na esfera social, o homem ainda é a referência, mas seu entendimento é construído por meio da intermediação da mulher, cuja sensibilidade orienta o discurso comunitário para situações diversas.

As pessoas que preferiram fazer uma nova cozinha, mais espaçosa, também transformaram a antiga e pequena cozinha em quarto: no *Gigante* a base do fogão deu origem a uma cama, e o antigo forno que era integrado ao fogão, é utilizado para guardar sapatos e demais objetos.

O preparo dos alimentos, geralmente é de responsabilidade da mulher, a ela cabe utilizar estratégias para conservar e preparar os alimentos. A *unidade de consumo* torna se visivelmente uma oposição à *unidade de produção*. Sendo assim o domínio do homem fica claramente relacionada às atividades de provisão e da mulher na transformação dessas provisões. Porém essa oposição não exclui a possibilidade da mulher fazer atividades masculinas. No *Gigante*, atualmente a mulher trabalha até hora do almoço em atividades domésticas e restante do dia ajuda o marido no roçado ou na carvoeira.

Outro cômodo, construído sempre paralelo à cozinha, e vinculado a ela, é a dispensa. Esse é destinado ao estoque de alimentos, ou mesmo para guardar vasilhas ou objetos de uso constante e de pequeno porte. A dispensa é um espaço eminentemente restrito ao grupo doméstico, de forma que o acesso à dispensa é algo totalmente vinculado à intimidade da família.

---

<sup>12</sup> Estrutura do telhado, disposição dos mesmos em quatro águas.

<sup>13</sup> Estrutura de madeira e couro utilizada para receber a carga em animais como burros e cavalos.

Gamelas enormes (masseiras) estão por toda parte. Atualmente elas não têm muita utilidade, pois a produção de farinha que antes era uma atividade comum em todos os grupos domésticos está localizada em alguns pontos onde já existe energia elétrica. Além das grandes colheitas de arroz que já não acontecem mais. A maioria das pessoas recebem cestas básicas de ONGS, além dos programas sociais que garantem um dinheiro mensal e uma quantidade expressiva de dinheiro no auxílio maternidade, que também são responsáveis diretamente pelas transformações atuais nas moradias. Isso porque, sendo uma quantidade de dinheiro maior e regular, permitem pagar a compra e o transporte de matérias como cimento e telhas industrializados.

O banheiro, também foi aderido muito recentemente em função da necessidade dos visitantes, sejam parentes, viajantes e pesquisadores, ambos não se sentam à vontade para fazer as necessidades fisiológicas a céu aberto. Sempre perguntam pelos banheiros, causando certo constrangimento aos anfitriões que ainda não construíram.

Nas casas onde já tem energia elétrica, o sofá tem sido aderido, as marcas nas portas das salas mostram um recente alargamento, ou seja, as esquadilhas foram retiradas para dar passagem ao novo móvel que não passaria pela porta estreita de antes.

O contato com a natureza se expressa de forma mais concomitante no uso das argilas, principalmente a tabatinga. A moradia veredeira construída basicamente com pedra, madeira e barro têm nesse último elemento o diferencial que as torna peculiar. Essas comunidades são portadoras de um conhecimento sobre toda espécie de argilas da região, de modo que encontram tonalidades distintas e aplicam esse conhecimento a partir da utilização de cada tipo de barro para atividades distintas: *barro de panela*, *barro de parede*, *barro do chão*, *barro de pintar a casa (tabatinga)*, Etc.

No chão o barro mais usado é o barro preto misturado a estrume de vaca fresco e dissolvido em água. A *tabatinga* (barro branco) é mais utilizada nas paredes e no fogão: por ser bem branquinha é um elemento que representa o asseio, a limpeza, a retidão. Uma casa onde as paredes não são *tabatingadas* pode ser considerada uma casa que foge aos padrões locais de higiene e de *comportamento* moral, conforme discutido por Mary Douglas em *Pureza e Perigo*. Nas proximidades da casa, a mulher faz questão de capinar com receio de que suas flores sejam cortadas pelo *carpir* desatento dos homens com relação às flores.

Nessa fase o que observa nas relações do grupo é que a mulher, assim como a cozinha, toma um papel de destaque, já que a cozinha engloba o espaço físico (tamanho) e simbólico (*status*) da sala, visto que toda sorte de relações acontece principalmente na cozinha e com a

intervenção direta da mulher que consegue inserir suas opiniões no discurso de um grupo onde o domínio político do homem prevalece.

## O FOGÃO OU A MULHER?

### *A limpeza nossa é o barro!*<sup>14</sup>

Em toda casa que se tem um fogão de barro, é imprescindível que se tenha uma vasilha com a *tabatinga* sempre preparada para ser utilizada na limpeza dos mesmos. A grande maioria das casas visitadas usa-se o fogão de barro. Quando o fogão é de cimento, é construído na parte externa da casa. Há ainda aqueles que já usaram o fogão de cimento e voltaram a fazê-lo de barro.

O fogão é composto por uma base chamada caixote, cujo homem é responsável por sua construção. A fornalha, parte superior do fogão, onde se prepara os alimentos, é construído pela mulher. Existe uma oposição no processo de construção do fogão que representa a divisão entre a função da mulher e a função do homem, ou seja oposição entre *unidade de produção* e *unidade de consumo*, o que representa uma orientação subjetiva para a coesão do grupo. Nesse sentido o homem está para a base do fogão assim como a mulher está para fornalha, de modo que, é do homem a responsabilidade de prover o sustento da casa, assim como é da mulher a função de preparar e conservar o que o homem proveu.

O fogão também é símbolo da retidão feminina, o homem cobra da mulher a aparência do fogão. O fogão deve estar sempre limpo e o fogo deve estar sempre aceso. Quando o homem levanta de manhã, ele acende o fogo e só depois sai para fazer suas tarefas do cotidiano.

Antes de construir o fogão, alguns elementos são observados, tais como, direção do vento e posição do fogão em relação á entrada da lenha no mesmo, visto que a lenha deve ser colocada com a mão direita.

A mulher veredeira está sempre muito ocupada. Os afazeres domésticos se estendem pelo quintal, pelo curral, pela carvoeira, pelas roças. Durante todo dia, sua preocupação está em auxiliar seu companheiro, em cuidar dos bichos, das plantações, dos filhos e da alimentação. Mas a mulher veredeira dedica um cuidado especial com seu fogão. Este se constitui como a própria representação da mulher. Ela se vê no seu próprio fogão. Ela o

---

<sup>14</sup> Fala da moradora local se referindo a limpeza do fogão.

oferece para aquecer as pessoas que gosta, ela se preocupa em deixar preparada a *tabatinga*<sup>15</sup> para limpar seu fogão sempre que necessário, três, quatro, cinco vezes por dia se for preciso. Nessa perspectiva, Mary Douglas (1976) analisa a vida social a partir de níveis que limitam as ações sociais conforme crenças que normatizam o comportamento e estabelecem códigos morais. Sendo assim, para a mulher veredeira, deixar o seu fogão sujo seria o mesmo que infringir uma lei, transgredir uma regra que tornaria ela mesma imunda, não de uma sujeira física, mas de uma “sujeira” moral. Para o homem, que vive sozinho, o fogão não precisa de formas bem definidas, simetrias ou mesmo retoques diários com *tabatinga*, ao menos que tenha esposa e se esta for a situação, ele se envergonhará com o chegar de uma visita com o fogão de sua esposa sujo e cheio de utensílios. Outra preocupação relacionada às relações intrafamiliares, é o preparo da menina moça para ser apresentada à sociedade: uma das funções que cabe principalmente a menina é aprender a *tabatingar* a casa, principalmente o fogão.

Em volta do fogão, transcorre toda esfera da vida cotidiana, assim como a mulher, é quem viabiliza toda sorte de relações sociais. O homem é a todo tempo auxiliado por ela. Quando ela não está presente, percebe-se certa impotência, como se faltasse um elo que garante as relações sociais completas. O fogo do fogão à lenha, além de servir para preparar o alimento, aquece o espaço da cozinha. A mulher quase sempre está encostada ao fogão e assim como o fogo, a mulher é indispensável para que o fogão exerça sua função prática, de cozinhar alimentos e, a função simbólica de prover o aquecimento que regula as relações sociais. Uma casa sem mulher, na comunidade *Gigante*, é considerada uma casa sem fogo, não é acolhedora, é uma casa fria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários processos sociais pelos quais a comunidade *Gigante* passou contribuíram para que a percepção dos espaços da casa fosse alterada na sua forma prática e simbólica.

Antes do tempo da divisão, em 1937, as terras eram utilizadas de forma comum, ou seja, havia uma divisão orientada apenas pelos códigos de apropriação local, o que ampliava as relações de reciprocidade e a interação com espaços diversos que eram entendidas como uma extensão da casa de morada. A atividade de coleta caça e pesca sem a intervenção de

---

<sup>15</sup> Barro utilizado para limpar o fogão e passar nas paredes, de forma que cada utilidade requer um barreiro diferente. Barreiro é o local de onde o barro é retirado.

órgãos estatais, contribuía para que os territórios coletivos fossem ampliados e consolidados. O espaço arquitetônico nessa época, já que o trânsito de pessoas ainda era muito restrito, não tinha função de privar, no sentido de tornar privado uma situação ou ação de alguém, até por que nos quintais e arredores, a vegetação era abundante e desde as necessidades fisiológicas até as relações sexuais poderiam ser feitas com privacidade “a céu aberto”. Dessa forma, não havia necessidade de grandes divisões nas casas, já que o espaço da moradia se estendia pelas imediações e consistia em todo o espaço necessário para a reprodução social dessas famílias.

Após o tempo da divisão, a utilização das pedras para base da casa é um elemento que configura uma nova percepção: a de fixação num espaço que agora teria uma propriedade formalizada. Com a delimitação fundiária resultante da época da divisão, uma nova concepção de propriedade foi introduzida e refletiu em modelos de casas mais fixos, as casas de adobe. Essa delimitação gerou uma concentração das atividades agrícolas nas terras às margens do rio *Gigante*.

A participação da mulher na vida social constitui atualmente pela mudança estrutural e simbólica da cozinha. A cozinha, assim como a mulher, inverte sua posição e tomam uma posição paralela aos homens nas relações sociais.

As novas concepções de convivência pautada no individualismo resultaram no crescimento da quantidade de quartos. A grande participação da mulher no espaço social fez com que o espaço da cozinha englobasse o espaço simbólico da sala. A dispensa também contribuiu para a abertura da cozinha para um espaço público, ou melhor, um espaço de múltiplas relações sociais, já que ela foi criada para garantir a manutenção da intimidade no espaço familiar.

O fogão constitui um elemento simbólico que representa vaidade, a feminilidade e a moral; expressa a partir de sua forma física a vinculação ao gênero feminino e o contato cotidiano com elementos naturais responsáveis pela peculiaridade desta cultura local. A oposição homem/mulher, conforme discutido por Bourdieu (1980), expressos na divisão da casa, representa através do fogão da casa veredeira a síntese da relação de complementaridade que confere ao espaço da cozinha o caráter de espaço social, apropriado por relações distintas, absorvendo uma infinidade de papéis. Nesse sentido, o espaço da cozinha na atualidade não é restrito à mulher, nem ao homem, nem à criança ou ao jovem, é, pois, um espaço nobre que compartilha em cada canto, em cada detalhe, a relação dessas pessoas com as serras, as vargens, as lavras de cristais, com suas criações ou como o produto delas.

A moradia veredeira também sofreu alterações que refletem as dinâmicas das relações com outras concepções de apropriação do espaço, já que estas alterações se dão tanto na dimensão estrutural como na simbólica. A estrutura arquitetônica da casa atualmente confere *status* à família, de forma que a quantidade de quartos e o tamanho da cozinha é que determina o grau desse *status*, ou seja, quanto mais quartos e maior a cozinha, maior o *status*. A interdependência com a natureza bem como as recentes transformações resultantes do processo de construção da usina hidrelétrica de Irapé, gerou na comunidade *Gigante* um quadro de instabilidade que retrata um momento de transição e adaptação a uma nova realidade. A comunidade *Gigante* embora não tenha sido inundada pelas águas represadas da barragem de Irapé teve um impacto social relevante considerando que duas das principais comunidades que estabeleciam relações com ela, *Canabrava* e *Peixe Cru*, foram inundadas e as pessoas reassentadas em outros municípios. Isso resultou em uma grande ansiedade com relação aos casamentos, já que boa parte desses eram realizados com mulheres das comunidades que foram removidas.

A relação cotidiana das pessoas com as nascentes de água, com o barro e com o ribeirão transpõe para a moradia veredeira elementos que cria a necessidade de um contato regular com a natureza para a manutenção física e simbólica dos espaços que a constitui. Esses diversos processos se dão a partir das mudanças ocorridas no âmbito social, em suas manifestações práticas e simbólicas como elementos constitutivos da *visão de mundo* dos veredeiros da comunidade *Gigante* que refletem diretamente na representação dos espaços da casa nos tempos descritos.

## REFERÊNCIAS

AGECO, 2012. “Votorantim investe US\$ 3 bi em mineração no Norte de Minas Gerais”. Associação dos Geólogos de Goiás. Publicado 07 de março de 2012. Disponível em: <http://www.ageco.org.br/teste/index.php/2011-06-30-23-44-03/129-votorantim-investe-us-3-bi-em-mineracao-no-norte-de-mg>.

BARRETO FILHO, Henyo Trindade. “Populações Tradicionais: Introdução à Crítica da Ecologia Política”. In Workshop Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. Parati, RJ, 2001 (mimeo)

BOURDIEU, P. Les Sens Pratiques. Paris: Les Editions Minuit, 1980

BRANDÃO, C. R. Texto de metodologia. Belo horizonte: SEPLAN, 1981. MG II: Seminário preparatório para coleta de dado para elaboração de plano de intervenção, (mimeo).

\_\_\_\_\_. Tempos e Espaços na Comunidade Rural: a visita de um antropólogo à Geografia. Texto elaborado para a Palestra de Abertura do II Encontro de Grupos de Pesquisa-Agricultura e Desenvolvimento regional e transformações sócio-espaciais - CD dos Anais. Uberlândia, 2006.

COSTA, J.B. de A. Cultura sertaneja: A Conjunção de Lógicas Diferenciadas. In: SANTOS, G.R. dos (org). Trabalho, cultura e sociedade no norte/nordeste de Minas. Montes Claros: BEST, 1997.

\_\_\_\_\_. Os Guardiões das Veredas do Grande Sertão. Brasília: IPHAN; FUNATURA, 2005 (mimeo).

DIEGUES, A. C. e ARRUDA, Rinaldo S.V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, 2001.

HERÉDIA, BEATRIZ MARIA ALÁSIA DE. A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e povos Tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Brasília, 2002.

DIEGUES, A.C. O mito moderno da natureza intocada. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

DIEGUES, A.C. e ARRUDA, Reinaldo S.V. Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério de Meio Ambiente, 2001.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976. Coleção Debate: Antropologia.

GEERTZ, C., A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

\_\_\_\_\_, O saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Melo Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUZ de OLIVEIRA, Cláudia. Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2005, pp. 26-44, Dissertação de Mestrado.

MOURA, Margarida Maria. Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural. Editora Hucitec. São Paulo, 1978.

PARAJULI, Pramod. Ecological Ethnicity in the Making: Developmentalist Hegemonies and Emergent Identities in India. In: Identities, Vol. 3(1-2), 1996, pp. 15-59.

PIERSON, Donald. O Homem do Vale do São Francisco. Rio de Janeiro: Ministério do Interior/Superintendência do Vale do São Francisco. 1972, Tomo II.

RODRIGUES, Maria Flávia Ribeiro. Concepções de Tempo e Espaço na Comunidade Negra Agreste. Pesquisa de monografia. UNIMONTES, Montes Claros, 2008.

TURNER, V. Floresta de Símbolos – aspectos do ritual Ndembu; tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói: Editora da UFF, 2005.

WOORTMANN, E. F. Da complementariedade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” no nordeste - In: Série antropológica. Brasília : Unb, 1991.

WOORTMANN, E. F. Herdeiros Parentes e Compadres. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UNB, 1995.

